

A História da Filosofia como Base do Pensamento Crítico

Carlos Antonio Carvalho da Silva

Resumo: Este artigo apresenta uma revisão de literatura sobre o papel fundamental da História da Filosofia na formação do pensamento crítico. Ao estudar o desenvolvimento histórico do pensamento filosófico, compreende-se como diferentes correntes e autores contribuíram para questionamentos éticos, epistemológicos, políticos e existenciais. A Filosofia, desde a Grécia Antiga, é uma ferramenta intelectual que promove a autonomia da razão, a capacidade de argumentação e o distanciamento crítico diante da realidade. O texto enfatiza a importância de um ensino filosófico que dialogue com a tradição, mas que seja também um exercício ativo do pensar. Conclui-se que a História da Filosofia oferece subsídios para uma leitura crítica do mundo e para a formação de sujeitos reflexivos e conscientes.

Palavras-chave: Filosofia; Pensamento Crítico; História da Filosofia; Autonomia; Reflexão.



Recebido em: Mar. 2024; Aceito em: Ago. 2024

DOI: 10.56069/2676-0428.2024.808

Por uma Educação Científica: Saberes, Vivências e Práticas

Setembro, 2024 v. 3, n. 21

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



The History of Philosophy as a Basis for Critical Thinking

Abstract: This article presents a literature review on the fundamental role of the History of Philosophy in the formation of critical thinking. By studying the historical development of philosophical thought, it is understood how different currents and authors contributed to ethical, epistemological, political, and existential questioning. Philosophy, since Ancient Greece, has been an intellectual tool that promotes the autonomy of reason, the capacity for argumentation, and critical distancing from reality. The text emphasizes the importance of philosophical teaching that engages with tradition but is also an active exercise in thinking. It concludes that the History of Philosophy offers resources for a critical reading of the world and for the formation of reflective and conscious subjects.

Keywords: Philosophy; Critical Thinking; History of Philosophy; Autonomy; Reflection.

La historia de la filosofía como base para el pensamiento crítico

Resumen: Este artículo presenta una revisión bibliográfica sobre el papel fundamental de la Historia de la Filosofía en la formación del pensamiento crítico. Mediante el estudio del desarrollo histórico del pensamiento filosófico, se comprende cómo diferentes corrientes y autores contribuyeron al cuestionamiento ético, epistemológico, político y existencial. La filosofía, desde la Antigua Grecia, ha sido una herramienta intelectual que promueve la autonomía de la razón, la capacidad de argumentación y el distanciamiento crítico de la realidad. El texto subraya la importancia de una enseñanza filosófica que, si bien se nutre de la tradición, constituye a su vez un ejercicio activo de reflexión. Concluye que la Historia de la Filosofía ofrece recursos para una lectura crítica del mundo y para la formación de sujetos reflexivos y conscientes.

Palabras clave: Filosofía; Pensamiento crítico; Historia de la filosofía; Autonomía; Reflexión.

1 INTRODUÇÃO

A história da filosofia constitui a espinha dorsal do pensamento crítico ao longo dos séculos. Desde sua origem há mais de 2600 anos, a Filosofia, que tem a sua origem na Grécia antiga, traz consigo o problema de seu ensino a partir do embate entre o pensamento de Platão e as teorias dos sofistas. Naquele momento, tratava-se de compreender a relação entre o conhecimento e o papel da retórica no ensino. Por um lado, Platão admitia que, sem uma noção básica das técnicas de persuasão, a prática do ensino da Filosofia teria efeito nulo sobre os jovens. Por outro lado, também pensava que se o ensino de Filosofia se limitasse à transmissão de técnicas de sedução do ouvinte, por meio de discursos, o perigo seria outro: a Filosofia favoreceria posturas polêmicas, como o relativismo moral ou o uso pernicioso do conhecimento (PARANÁ, 2008). Segundo Marcondes (2013), compreender a história do pensamento é reconhecer as bases da racionalidade ocidental. Ao estudar suas diversas correntes – da escolástica medieval ao racionalismo moderno e às críticas contemporâneas –, desenvolvem-se habilidades fundamentais como argumentação, problematização e reflexão ética (CHAUÍ, 2000), indispensáveis à leitura crítica do mundo.

Diante disso, a presente investigação é guiada pela seguinte pergunta: como a história da filosofia pode fundamentar e promover o desenvolvimento do pensamento crítico na formação dos indivíduos? Tal questionamento emerge da constatação da relevância da filosofia enquanto campo do saber que cultiva a autonomia intelectual, o julgamento ético e a capacidade reflexiva – competências centrais para a formação humana em sociedades democráticas e complexas. Em tempos marcados pela superficialidade argumentativa e pela apatia intelectual, torna-se urgente resgatar a trajetória filosófica para compreender os fundamentos da criticidade como dimensão indispensável da existência.

O objetivo geral deste artigo foi refletir sobre o papel da história da filosofia como base formativa do pensamento crítico. Para alcançar tal finalidade, propõem-se como objetivos específicos: compreender as principais etapas da história da filosofia e suas contribuições para a crítica e a razão; discutir como o pensamento crítico se constitui a partir da tradição filosófica; e analisar fundamentos

teóricos que justificam a filosofia como prática formadora da autonomia e da consciência ética.

A metodologia utilizada fundamenta-se na revisão bibliográfica de caráter qualitativo, com ênfase em autores clássicos e contemporâneos que contribuem para o entendimento da filosofia e do pensamento crítico como práticas complementares. As fontes consideradas incluem obras de Coelho (2022), Marcondes (2013), Silva (2019), Chauí (2000), Carnielli e Epstein, Rainbolt (2010) e Pereira (2014), selecionadas por sua relevância teórica e pelo enfoque na filosofia como instrumento formativo da razão e da liberdade intelectual.

A filosofia, como destaca Coelho (2022), é o espaço por excelência da crítica, pois exige o exercício metódico do pensamento diante das contradições e ambiguidades do mundo. Para Silva (2019), é justamente o percurso histórico do pensamento filosófico que legitima sua presença como prática educativa, e não apenas como disciplina curricular. Assim, é necessário que a filosofia vá além da exposição de teorias, atuando como provocação ativa à dúvida, à investigação e à construção do juízo autônomo. Pereira (2014) argumenta que, antes de preparar para o mercado ou para a cidadania, é preciso preparar o ser humano para a vida – tarefa na qual a filosofia, por sua natureza reflexiva, é imprescindível.

Complementando essa perspectiva, Carnielli e Epstein ressaltam que o pensamento crítico é fortalecido por meio da argumentação lógica e clara, permitindo que o indivíduo fundamente racionalmente suas escolhas. Rainbolt (2010), por sua vez, observa que o movimento do pensamento crítico emergiu como resposta à limitação dos cursos tradicionais de lógica simbólica, que, apesar de úteis, não capacitam plenamente os estudantes para a avaliação de argumentos na vida cotidiana. Compreender a história da filosofia, portanto, é reconhecer sua relevância como ferramenta formadora da liberdade de pensamento, da consciência crítica e da leitura ética e profunda da realidade.

2 ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA FILOSOFIA

A Filosofia nasce na Grécia Antiga como ruptura com as explicações míticas, buscando causas racionais para os fenômenos naturais e humanos. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles inauguraram debates éticos, lógicos e

políticos que permanecem relevantes. Na Idade Média, a Filosofia era fortemente marcada pelo teocentrismo, pensamento de características muito diferentes das que prevaleciam no período anterior. A desestruturação do Império Romano foi concomitante ao crescimento da Igreja como poder eclesiástico, fundamentado nas teologias políticas que foram elaboradas pelos teóricos cristãos. A função dessas teologias políticas era a ordenação, a hierarquização e o controle da sociedade, sob os auspícios da lei divina. Nesse contexto, a filosofia, retirada do espaço público, passa a ser prerrogativa da Igreja. O medievo é, assim, marcado pela inspiração divina da Bíblia, pelo monoteísmo, pelo criacionismo, pela ideia do pecado original, pelo conceito cristão de amor (ágape) e por uma nova concepção de Homem, cuja essência encerra a condição de igualdade como criatura divina. A Filosofia da Idade Média, nos seus dois grandes períodos, Patrística (séc. II ao VIII) e Escolástica (séc. IX ao XIV) (PARANÁ, 2008).

A filosofia nasce no contexto da Grécia Antiga, por volta do século VI a.C., como uma tentativa humana de compreender o mundo a partir da razão e da reflexão crítica, rompendo com explicações míticas e religiosas que dominavam o pensamento até então. Segundo Marcondes (2013), os primeiros filósofos, conhecidos como pré-socráticos, buscaram explicações naturais para os fenômenos do universo, inaugurando assim uma nova maneira de pensar baseada na investigação racional e no questionamento sistemático.

De acordo com Coelho (2022), essa transição marca o início do pensamento crítico, cuja essência é a capacidade de questionar as verdades estabelecidas e buscar fundamentações sólidas para o conhecimento. Sócrates, Platão e Aristóteles, pilares do pensamento clássico, aprofundaram essa tradição ao desenvolver métodos de diálogo, argumentação e lógica que fundamentariam o pensamento filosófico ocidental pelos séculos seguintes.

Chauí (2000) destaca que a filosofia, desde suas origens, tem como missão formar sujeitos autônomos, capazes de refletir sobre a própria existência, a sociedade e o conhecimento. É essa função que torna a filosofia indispensável para o desenvolvimento do senso crítico, como ressaltado por Pereira (2014), pois ela instiga o indivíduo a não aceitar informações passivamente, mas a analisá-las e interpretá-las criticamente.

A evolução histórica da filosofia acompanha os desafios e transformações das sociedades ao longo do tempo. Silva (2019) ressalta a importância de conhecer essa trajetória histórica para o ensino da filosofia, pois o entendimento das diferentes correntes, desde a antiguidade até os filósofos contemporâneos, permite ao educando reconhecer a pluralidade de perspectivas e a dinâmica do pensamento filosófico.

No século XX, o pensamento crítico ganhou nova relevância e renovação. Rainbolt (2010) destaca que o movimento do pensamento crítico surgiu na década de 1980 como uma reação à insuficiência dos cursos tradicionais de lógica simbólica, que, embora precisos, não preparavam adequadamente os estudantes para avaliar argumentos do cotidiano e os complexos desafios contemporâneos. Assim, o pensamento crítico se consolidou como uma disciplina que vai além da lógica formal, envolvendo a análise da argumentação, a identificação de pressupostos e a avaliação das consequências do raciocínio.

Carnieli e Epstein (sem data) reforçam que o pensamento crítico é uma ferramenta poderosa para a lógica e argumentação, essencial para a formação de cidadãos conscientes e participativos. Eles apontam que a filosofia, enquanto saber reflexivo, é a base para essa formação, dado que desenvolve habilidades para o raciocínio autônomo, a argumentação consistente e o discernimento ético.

Portanto, a origem e evolução da filosofia estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento do pensamento crítico, que se consolida como instrumento fundamental para a educação e para a formação humana em múltiplas dimensões. Conhecer essa história é essencial para compreender a função social da filosofia e seu papel transformador na vida individual e coletiva. Já na Modernidade, a autonomia da razão se fortalece com pensadores como Descartes, Kant e outros, que fundamentam o pensamento científico, moral e crítico contemporâneo.

2.1 O pensamento crítico que se constitui a partir da tradição filosófica

O pensamento crítico, tal como compreendido na contemporaneidade, não é um produto isolado ou recente. Ele emerge da longa tradição filosófica ocidental que, desde a Antiguidade, busca fundamentar a razão, o juízo e a emancipação intelectual. A filosofia, nesse percurso histórico, tem sido o solo

fértil sobre o qual se desenvolve a capacidade de questionar, argumentar e refletir com autonomia. A herança filosófica é, portanto, essencial para a formação do pensamento crítico, sobretudo quando se considera a lógica, a ética e a crítica social como seus pilares.

Segundo Carnielli e Epstein (s.d.), o pensamento crítico está diretamente ligado à capacidade de argumentar com clareza, coerência e lógica. Para os autores, pensar criticamente é dominar o uso consciente da razão por meio da análise de argumentos, da identificação de falácias e da estruturação de inferências válidas. Nesse sentido, a lógica filosófica não é apenas uma ferramenta técnica, mas uma base formadora de hábitos mentais que favorecem a autonomia intelectual. Em sua obra, os autores defendem que o desenvolvimento do pensamento crítico exige mais do que acúmulo de informações: requer disposição para o confronto de ideias, para o diálogo racional e para a revisão de pressupostos, atitudes que são legados diretos da tradição filosófica.

A importância da filosofia na formação do pensamento crítico também é defendida por Tesser, Horn e Junkes (2012), ao abordarem o ensino da filosofia sob a perspectiva da teoria crítica. Para os autores, a filosofia na educação deve ultrapassar a mera transmissão de conteúdos e assumir uma postura crítica e transformadora, na qual o educando é visto como sujeito histórico capaz de interpretar, julgar e agir no mundo. A abordagem da teoria crítica, inspirada em autores como Adorno e Horkheimer, propõe uma reflexão que ultrapassa os limites da razão instrumental e busca a emancipação social por meio da conscientização dos processos históricos, culturais e ideológicos que moldam a sociedade.

Esse viés da teoria crítica reforça a ideia de que o pensamento crítico não se reduz à lógica formal ou ao raciocínio abstrato, mas inclui a dimensão ética, estética e política da razão. Pensar criticamente, nesse horizonte, é também problematizar as estruturas de dominação, reconhecer os mecanismos de alienação e buscar formas de resistência que promovam a autonomia dos sujeitos. O ensino da filosofia, portanto, deve ser concebido como prática libertadora, que não apenas transmite saberes, mas também forma consciências críticas capazes de agir no mundo com responsabilidade e lucidez.

Pedro Pagni (2012), ao analisar os elos entre filosofia e educação no pensamento de Theodor W. Adorno, aprofunda essa concepção ao destacar que a

educação crítica deve fomentar a reflexão contra a barbárie. Para Adorno, o esclarecimento genuíno exige o enfrentamento das contradições sociais e a recusa das formas de pensamento que naturalizam a opressão. A formação crítica, nesse sentido, é um processo de desnaturalização do mundo, no qual o sujeito é convocado a romper com a passividade e com a repetição acrítica do existente. Pagni mostra que, para Adorno, a educação não pode ser neutra: ela deve ser orientada para a autonomia, o juízo reflexivo e a formação de indivíduos conscientes de sua responsabilidade ética e política.

Essa concepção adorna a ideia de que o pensamento crítico é um exercício de resistência. Ele não apenas analisa, mas denuncia; não apenas argumenta, mas se posiciona; não apenas compreende o mundo, mas busca transformá-lo. A tradição filosófica, desde Sócrates até Adorno, é marcada por essa tensão entre razão e mundo, entre teoria e prática, entre crítica e emancipação. O pensamento crítico, nesse quadro, não é apenas uma habilidade técnica, mas uma postura existencial diante da realidade.

Assim, pode-se dizer que o pensamento crítico constituído a partir da tradição filosófica se apresenta como uma prática de liberdade. Ele se ancora na lógica e na argumentação, mas também se abre para a ética, para a estética e para o compromisso com a justiça social. Carnielli e Epstein oferecem os instrumentos racionais para essa prática; Tesser, Horn e Junkes apontam para sua dimensão educativa e emancipadora; e Pagni, ao interpretar Adorno, ressalta sua urgência frente aos desafios contemporâneos da alienação e da barbárie.

Diante disso, a valorização da filosofia nos currículos escolares e acadêmicos não deve ser vista como um luxo ou um adorno intelectual, mas como uma necessidade para a formação de cidadãos críticos, conscientes e capazes de agir com responsabilidade no mundo. A tradição filosófica nos fornece as ferramentas e os fundamentos para isso — cabe à educação integrá-las de modo vivo e significativo ao processo formativo, com vistas a uma sociedade mais reflexiva, ética e livre.

2.2 A Filosofia como Construção Histórica do Pensamento

Estudar a História da Filosofia é compreender o desenvolvimento e a transformação das ideias ao longo do tempo. Hegel (1994) afirma que a Filosofia

é, em essência, sua própria história, pois o filosofar se dá sempre em relação à tradição. Russell (2001) enfatiza que seu valor reside na incerteza, ao permitir o rompimento com dogmas e a ampliação do pensamento reflexivo. Aspis (2004), por sua vez, ressalta que ensinar Filosofia é promover a prática do filosofar, e não apenas a transmissão de teorias.

A filosofia, enquanto disciplina e modo de pensar, não é um saber estático ou isolado de seu contexto histórico. Ao contrário, ela é uma construção progressiva, resultado de séculos de reflexão crítica e de diálogo constante entre gerações, culturas e modos de compreender o mundo e a existência humana. A trajetória histórica da filosofia reflete, assim, a evolução do próprio pensamento, que se constrói a partir do confronto de ideias, da superação de paradigmas e da abertura para novas possibilidades cognitivas e existenciais.

Na verdade, para compreender a filosofia como uma construção histórica do pensamento, é fundamental retornar ao seu nascimento, na Grécia Antiga, no século VI a.C. Segundo Danilo Marcondes (2013), a filosofia inicia-se com os chamados pré-socráticos, que romperam com as explicações mítico-religiosas predominantes e buscaram compreender a realidade por meio da razão e da observação crítica da natureza. Essa ruptura inicial foi um marco na história do pensamento, pois inaugurou a possibilidade de questionar os saberes tradicionais e de investigar o mundo a partir de princípios racionais.

Humberto Schubert Coelho (2022) reforça que esse momento é o ponto de partida do pensamento crítico, cuja essência reside na capacidade humana de questionar verdades tidas como absolutas e de buscar argumentos fundamentados para validar o conhecimento. A filosofia, desde sua origem, é assim um exercício de reflexão que se fundamenta na dúvida construtiva e na investigação racional.

Além dos pré-socráticos, figuras como Sócrates, Platão e Aristóteles consolidaram essa nova maneira de pensar, não apenas investigando a natureza, mas também as questões éticas, políticas e epistemológicas. Chauí (2000) destaca que essa fase clássica da filosofia sistematizou métodos dialógicos e lógicos que são até hoje a base do pensamento filosófico ocidental, ampliando a compreensão do homem sobre si mesmo e sobre o mundo.

A filosofia não é, portanto, um conjunto fixo de doutrinas, mas um processo dinâmico de construção do pensamento. Silva (2019) argumenta que a

história da filosofia deve ser entendida como um percurso de diálogo entre diferentes correntes e autores, cada um respondendo aos desafios de seu tempo e, ao mesmo tempo, questionando e reinterpretando as ideias anteriores. Esse diálogo histórico possibilita a ampliação do horizonte do pensamento e o surgimento de novas perspectivas.

Ao longo dos séculos, a filosofia passou por múltiplas transformações, passando pela filosofia medieval, renascentista, moderna, até chegar às correntes contemporâneas. Cada etapa é marcada por um conjunto específico de questões, metodologias e pressupostos, que refletem os contextos sociais, políticos e culturais em que os filósofos estiveram inseridos. Essa historicidade é o que garante à filosofia sua vitalidade e sua capacidade de se reinventar.

Pereira (2014) ressalta que a função da filosofia como construção histórica do pensamento é justamente fomentar o desenvolvimento da capacidade reflexiva e crítica dos sujeitos, permitindo-lhes apreender as complexidades da realidade e agir sobre ela de forma consciente e responsável. A filosofia, dessa forma, não é um saber erudito e distante, mas uma atividade viva, que se constrói na interação entre o passado e o presente, entre o conhecimento acumulado e a experiência humana concreta.

No século XX, o pensamento crítico emergiu com força renovada, influenciando e sendo influenciado pela filosofia contemporânea. Rainbolt (2010) explica que o movimento do pensamento crítico nasceu, em parte, da insatisfação com os métodos tradicionais da lógica simbólica, que eram vistos como insuficientes para preparar os estudantes a avaliar os argumentos e problemas do mundo real. Essa nova abordagem buscou ampliar a noção de raciocínio crítico para incluir não apenas a formalidade lógica, mas também a análise da argumentação, a identificação de pressupostos ocultos e a avaliação das implicações práticas das ideias.

Carnieli e Epstein destacam que o pensamento crítico é um elemento essencial para o desenvolvimento da lógica e da argumentação eficaz, ferramentas indispensáveis para o exercício da cidadania e para a formação ética do indivíduo. Nesse sentido, a filosofia, enquanto tradição que promove o questionamento e a reflexão sistemática, é um alicerce fundamental para o cultivo do pensamento crítico.

Coelho (2022) ressalta que a construção histórica da filosofia não é apenas uma progressão linear de ideias, mas um processo complexo de aproximações e afastamentos, onde antigas concepções são revistas, ampliadas ou até mesmo rejeitadas diante de novos questionamentos e contextos. Essa dinâmica mostra a filosofia como uma construção contínua, em que o pensamento crítico é tanto um produto histórico quanto uma ferramenta para seu desenvolvimento futuro.

Conhecer a história da filosofia é fundamental para compreender a construção do pensamento humano e para formar sujeitos capazes de reflexão crítica. Silva (2019) enfatiza que o ensino da filosofia deve contemplar essa dimensão histórica, apresentando ao aluno não apenas os conteúdos, mas também o percurso dialético que levou ao desenvolvimento das ideias.

Pereira (2014) reforça que a filosofia, por ser um saber de natureza reflexiva, é indispensável para a educação que visa formar não apenas profissionais para o mercado de trabalho, mas cidadãos conscientes, críticos e aptos a participar de forma ativa e ética na vida social. Assim, a filosofia se apresenta como um instrumento indispensável para a construção de uma educação integral, que desenvolve a capacidade de pensar, questionar e agir.

Chauí (2000) acrescenta que a filosofia tem a missão de formar sujeitos autônomos, capazes de se distanciar das opiniões e preconceitos imediatos e de construir seu próprio pensamento de forma fundamentada. Essa autonomia intelectual é fruto da construção histórica do pensamento, que ensina a importância do diálogo, da argumentação e do respeito às diferentes perspectivas.

2.3 A Formação do Pensamento Crítico

A formação do pensamento crítico é um processo fundamental para o desenvolvimento da autonomia intelectual e para a capacitação dos indivíduos a atuarem de forma consciente, reflexiva e ética na sociedade contemporânea. Ela não ocorre de maneira instantânea ou isolada, mas se constrói historicamente, atravessando tradições filosóficas, educativas e culturais que ao longo dos séculos fomentaram a habilidade humana de questionar, analisar e argumentar com rigor e profundidade. Nesse sentido, compreender as bases históricas e

conceituais do pensamento crítico é essencial para valorizar sua importância na educação e na formação cidadã.

A gênese do pensamento crítico está intimamente ligada à origem da filosofia na Grécia Antiga, onde o questionamento sistemático e a investigação racional romperam com as explicações míticas e dogmáticas do mundo. Como expõe Marcondes (2013), os filósofos pré-socráticos abriram espaço para a reflexão fundamentada em evidências e argumentos, iniciando um movimento de análise crítica da realidade. Essa postura racional e investigativa foi aprofundada por Sócrates, que instituiu o método dialético — a maiêutica — como meio de provocar a reflexão e o autoconhecimento por meio do questionamento rigoroso.

Humberto Schubert Coelho (2022) ressalta que o pensamento crítico, nesse contexto, consiste na capacidade de duvidar, de problematizar e de buscar justificativas consistentes para as crenças e opiniões, em oposição à aceitação acrítica. O desenvolvimento histórico da filosofia, portanto, é um percurso de construção do pensamento crítico, que envolve não apenas o domínio da lógica, mas também a capacidade de analisar contextos, identificar pressupostos e avaliar consequências.

Chauí (2000) destaca que a filosofia, desde sua origem, tem o objetivo de formar sujeitos autônomos, capazes de se distanciar das opiniões comuns e de construir seu próprio pensamento fundamentado. Essa dimensão formativa da filosofia se entrelaça com o conceito moderno de pensamento crítico, que é tanto um produto histórico quanto um instrumento para a educação e a emancipação

Pereira (2014) argumenta que a formação do pensamento crítico deve ser uma das finalidades centrais da educação, visto que ela permite que o indivíduo desenvolva a capacidade reflexiva necessária para enfrentar as múltiplas demandas da vida pessoal, social e profissional. Ele ressalta que educar para o pensamento crítico é formar cidadãos capazes de escolher com consciência, interpretar informações com discernimento e agir de forma ética e responsável.

No entanto, a formação do pensamento crítico não é alcançada por meio da mera transmissão de conteúdos. Ela exige práticas pedagógicas que estimulem a análise, o debate e a argumentação. Silva (2019) aponta que conhecer a história do pensamento filosófico contribui significativamente para essa formação, pois o estudo das ideias ao longo do tempo proporciona uma compreensão

mais profunda da complexidade dos problemas e das possíveis respostas, além de incentivar a abertura para diferentes perspectivas.

Nesse sentido, a filosofia desempenha papel fundamental no currículo escolar e universitário, pois, por sua natureza reflexiva e investigativa, fomenta o desenvolvimento das habilidades críticas. A apropriação desse saber, como destaca Pereira (2014), não é apenas para formar profissionais ou cidadãos tecnicamente aptos, mas para formar indivíduos que saibam pensar sobre as condições que envolvem suas escolhas e ações.

2.4 O Movimento Contemporâneo do Pensamento Crítico

O pensamento crítico ganhou destaque especial no século XX, sobretudo a partir da década de 1980, quando foi lançado um olhar renovado sobre a lógica e a argumentação. Rainbolt (2010) explica que o movimento do pensamento crítico surgiu em resposta às limitações dos cursos tradicionais de lógica simbólica, que apesar de rigorosos, não preparavam adequadamente os estudantes para analisar argumentos reais e complexos presentes no cotidiano.

Esse movimento buscou ampliar o escopo da lógica formal, incluindo a análise crítica da argumentação, a identificação de pressupostos implícitos e a avaliação das consequências práticas das ideias. Carnieli e Epstein ressaltam que o pensamento crítico envolve habilidades cognitivas e metacognitivas que capacitam o indivíduo a questionar, construir e defender argumentos sólidos, ao mesmo tempo em que reconhece as falácias e os vieses cognitivos.

Dessa forma, o pensamento crítico não é apenas uma habilidade intelectual, mas um instrumento para a participação ativa e informada na sociedade, contribuindo para a construção de uma cidadania consciente e para o exercício da ética social. Ele favorece a tomada de decisões fundamentadas e a resistência à manipulação e à desinformação.

A formação do pensamento crítico é, portanto, um processo histórico-cultural, que se constrói a partir do legado filosófico e das práticas educativas que valorizam a reflexão e o questionamento. Coelho (2022) destaca que essa construção não se dá de forma linear ou automática, mas por meio de um percurso dialético em que ideias são confrontadas, revistas e ampliadas.

Essa historicidade da formação crítica é fundamental para evitar abordagens mecanicistas ou simplistas que entendem o pensamento crítico apenas como um conjunto de técnicas lógicas ou habilidades analíticas isoladas. Em vez disso, é preciso reconhecer o pensamento crítico como um modo de ser e estar no mundo, que envolve a consciência histórica, a abertura para a diversidade de opiniões e o compromisso ético.

Silva (2019) enfatiza que a história da filosofia oferece um repertório rico para essa formação, mostrando como diferentes pensadores abordaram os problemas do conhecimento, da ética, da política e da existência humana. Esse diálogo histórico permite que os estudantes desenvolvam uma visão crítica contextualizada, que valoriza a complexidade e a multiplicidade de vozes.

2.5 A filosofia como prática formadora da autonomia e da consciência ética

A filosofia, ao longo da história, sempre esteve ligada à formação do pensamento crítico e à capacidade de discernimento moral. Segundo Janete Netto Bassalobre (2013), a ética no campo da educação não pode ser reduzida a um conjunto de regras morais aplicáveis de forma mecânica, mas deve ser compreendida como parte da constituição do sujeito ético e autônomo. A autora propõe uma concepção de ética associada à responsabilidade social e ao compromisso com a transformação da realidade. Nesse sentido, a filosofia contribui de maneira decisiva, pois oferece instrumentos teóricos e metodológicos para que o educador se compreenda como agente histórico e ético, consciente de seu papel formador na sociedade.

A prática filosófica, portanto, favorece o desenvolvimento da autonomia intelectual, entendida como a capacidade de pensar por si mesmo, sem se submeter de maneira acrítica a modelos impostos ou opiniões dominantes. Como destaca Bassalobre (2013), o compromisso ético da educação está na formação de sujeitos que sejam capazes de transformar a sociedade de maneira justa e solidária.

No plano teórico, a ética das virtudes, conforme analisada por Sangalli e Stefani (2012), retoma a tradição aristotélica ao considerar que a prática ética está relacionada ao desenvolvimento de disposições virtuosas no indivíduo. Para Aristóteles, a ética é uma prática voltada para o bem viver, que só se realiza

plenamente em uma comunidade política justa. A virtude, nesse contexto, é adquirida por meio do hábito e da reflexão, e não apenas pelo conhecimento abstrato. A filosofia, ao convidar o sujeito a refletir sobre sua vida, suas escolhas e seus objetivos, torna-se uma aliada da ética das virtudes, pois propicia o cultivo das disposições morais fundamentais para a convivência humana.

Ao compreender a filosofia como uma prática de vida, Cassiana Lopes Stephan (2022) retoma as contribuições de Pierre Hadot e Michel Foucault, para quem a filosofia não se limita a uma disciplina teórica, mas deve ser vivida como um exercício constante de si. Nessa perspectiva, a filosofia se configura como uma prática formadora de subjetividades, capaz de transformar o modo como os indivíduos se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o mundo. Foucault, ao retomar a noção de “cuidado de si”, demonstra que o pensamento filosófico é uma prática ética por excelência, pois exige do sujeito uma vigilância constante sobre seus modos de vida e sobre os discursos que o constituem.

Assim, a filosofia, entendida como prática formativa, oferece as bases para o desenvolvimento da consciência ética, não como obediência a normas externas, mas como responsabilidade autônoma diante das exigências do viver em sociedade. Portanto, ao articular teoria e prática, razão e sensibilidade, a filosofia se apresenta como um instrumento indispensável na formação de educadores éticos, críticos e autônomos. Sua presença no processo educativo fortalece a construção de uma sociedade mais justa, baseada no diálogo, na escuta e no respeito à dignidade humana.

CONCLUSÃO

A História da Filosofia, ao revelar os caminhos do pensamento humano ao longo do tempo, proporciona uma base sólida para o desenvolvimento do pensamento crítico. Mais do que um conteúdo acadêmico, ela representa um convite à reflexão sobre a realidade, os valores e os sentidos da existência. Em um mundo cada vez mais marcado pela superficialidade da informação, o estudo da tradição filosófica se mostra fundamental para a formação de sujeitos autônomos, críticos e comprometidos com o saber e com a transformação do mundo.

A filosofia, enquanto construção histórica do pensamento, é um campo em constante transformação, cuja essência é o exercício do pensamento crítico.

Desde sua origem na Grécia Antiga, a filosofia constituiu-se como um espaço de reflexão racional e crítica sobre as questões fundamentais da existência, do conhecimento, da ética e da política. Essa trajetória histórica não apenas registra o desenvolvimento de ideias e correntes filosóficas, mas também revela a evolução do próprio pensamento humano, em sua busca por compreender e transformar o mundo.

O estudo da história da filosofia permite perceber a filosofia como uma atividade viva, que dialoga com seu passado para reinventar-se e responder aos desafios contemporâneos. Essa dimensão histórica é essencial para que a filosofia cumpra seu papel social e educativo, promovendo o pensamento crítico e a formação de sujeitos conscientes, autônomos e comprometidos com a transformação da realidade.

A formação do pensamento crítico é um desafio educativo e social que requer o reconhecimento da filosofia como elemento central para esse processo. Desde suas origens, a filosofia tem sido o campo privilegiado para o desenvolvimento da reflexão crítica, da análise argumentativa e da autonomia intelectual. A construção histórica do pensamento crítico, como mostrada pelas contribuições de Coelho (2022), Marcondes (2013), Chauí (2000), Silva (2019), Rainbolt (2010), Carnieli e Epstein, e Pereira (2014), revela a importância de um ensino que valorize o questionamento, o diálogo e a avaliação rigorosa das ideias. A educação, por sua vez, deve fomentar essas práticas para formar indivíduos capazes de atuar criticamente em suas vidas e na sociedade.

Assim, o pensamento crítico não é apenas uma habilidade cognitiva, mas uma postura reflexiva que se constrói historicamente e que tem o potencial de transformar a educação, a cultura e a convivência humana, promovendo uma cidadania mais consciente, ética e participativa.

REFERÊNCIAS

ASPIS, R. **Ensinar Filosofia é ensinar a filosofar**. São Paulo: UNESP, 2004.

BASSALOBRE, Janete Netto. Ética, responsabilidade social e formação de educadores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 311-317, mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/vzL9yJvvpQ4Mc9PKGps3MkD/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CERLETTI, L. **A Filosofia e seu ensino**. São Paulo: Loyola, 2004.

COELHO, Humberto Schubert. *O pensamento crítico: história e método*. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2022. Disponível em: https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2022/03/O-PENSAMENTO-CRITICO_BA02.pdf.

Acesso em: 25 jun. 2025.

FÁVERO, O. **Ensino de Filosofia no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2004.

GALLO, S.; KOHAN, W. **Ensino de Filosofia: diálogo entre saberes**. Campinas: Autores Associados, 2000.

HEGEL, G. W. F. **Lições sobre a história da filosofia**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 13. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: JAHAR, 2013. Disponível em: <https://direito2a.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/03/iniciacao-a-historia-da-filosof-danilo-marcondes.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SILVA, Micael Rosa. A história da filosofia como prerrogativa para o ensino de filosofia no ciclo básico brasileiro. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 45, p. 414-433, jul.-dez. 2019. Disponível em: <URL>. Acesso em: 25 jun. 2025.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: https://home.ufam.edu.br/andersonlfc/Economia_Etica/Convite%20%20Filosofia%20-%20Marilena%20Chaui.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025.

CARNIELLI, Walter A.; EPSTEIN, Richard L. **Pensamento crítico: o poder da lógica e da argumentação**. [S.l.]: Editora RIDEEL, [s.d.].

PAGNI, Pedro Angelo. Os elos entre a filosofia e a educação no pensamento de Theodor W. Adorno. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3 (69), p. 133-157, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/Pn5KjsDrzz-bFV6jSRPW5sgw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2025.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Proposta curricular para o ensino de filosofia no 2.º grau**. Curitiba, 1994.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Para a Educação Básica**. secretaria do Estado de Educação do Paraná, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaa-dia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filo.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025.

PEREIRA, Valmir. A contribuição da filosofia para uma educação dotada de senso crítico. [S.l.], 2014. Disponível em: <https://www.acade->

mia.edu/36598693/A_CONTRIBUI%C3%87%C3%83O_DA_FILOSOFIA_PARA_UMA_EDUCA%C3%87%C3%83O_DOTADA_DE_SENDO_CR%C3%8DTICO. Acesso em: 25 jun. 2025.

RAINBOLT, George W. **Pensamento crítico. Fundamento**, v. 1, n. 1, set.-dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/article/view/3789>. Acesso em: 25 jun. 2025.

RUSSELL, B. **Os Problemas da Filosofia**. **São Paulo**: Nova Cultural, 2001.

SANGALLI, I. J.; STEFANI, J. Noções introdutórias sobre a ética das virtudes aristotélica. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 17, n. 3, p. 49–68, 2012. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1796>. Acesso em: 27 jun. 2025.

STEPHAN, Cassiana Lopes. Filosofia como prática de vida: um diálogo entre Pierre Hadot e Michel Foucault. **Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, n. 27, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/aprender/article/view/10852>. Acesso em: 27 jun. 2025.

TESSER, Gelson João; HORN, Geraldo Balduino; JUNKES, Delcio. A filosofia e seu ensino a partir de uma perspectiva da teoria crítica. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 46, p. 113-126, out./dez. 2012. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hLmLNb7ypmC4Q8fZzDsHFPn/?format=pdf>. Acesso em: 26 jun. 2025.